

# A carne e o bit <sup>1</sup>

EUGÊNIO BUCCI <sup>2</sup>

---

**M**inha líder acadêmica, a professora Maria Immacolata, pede que eu redija um texto sobre uma mesa que passou, ao que acedo enquanto é cedo. Ou antes que eu esqueça o dito e que a fala já feita pereça. Eu não estava preparado para escrever a respeito – e o que se segue é uma prova disso.

Começo por lembranças que parecem ordenadas por metáforas próprias do organismo, metabólicas, reativas, do tipo que nos incitam a ver o mundo como se o mundo fosse um ser vivo. Saí daquela mesa motivado, eu diria mesmo que saí energizado. Houve ali algo de neuronal e, por outro ângulo, algo de intensamente corporal. As imbricações entre o eletrônico e o biológico afloraram à epiderme do objeto de forma um tanto randômica à medida que uma voz deslizava na direção de outra voz. O tema comum seria “As Mídias Sociais como Espaço de Cultura”, de tal sorte que havia, logo de saída, um direcionamento pressuposto para que se abordassem os nexos lógicos – ou, quem sabe, paradoxais – entre a esfera das tão propaladas “práticas sociais”, dos costumes, dos saberes aproblemáticos temperados pelas manifestações estéticas problematizantes, e uma segunda esfera, que com a primeira não disputa espaço físico nem institucional, em que tem lugar a evolução feérica, ou deveríamos dizer, talvez, desmaterializante e luminescente das linguagens

---

1. Considerações a pretexto do emocionante painel, ou mesa energizante, que me coube a honra de mediar, durante a 14ª Ibercom. O tema seria “As Mídias Sociais como Espaço de Cultura”. Aí a coisa derivou. Ou quem delirou fui eu.

2. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É Professor Doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos da ECA-USP, e Diretor do curso de Pós-Graduação em Jornalismo com Ênfase em Direção Editorial da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM, São Paulo-SP, Brasil).

nascidas da técnica e potencializadas pelos recursos algorítmicos do universo digital. Mais que isso, contudo, além disso e muito além do que seria o para-além disso, o que tivemos foram agulhas de sentido espetando a pele humana. Não cybercultura, mas uma “Cyberacupuntura” feita de pós-eletrodos pontiagudos.

Jorge González se pôs de pé e se dedicou a diferenciar humanos dos demais animais. “Mas isso de novo?”, argumentou meu hipotálamo. Equivocado. Jorge não reeditou o lugar comum. Principiou lembrando que teríamos nós (desde que se admita a premissa de humanidade em minha presente condição, o que me tornaria um a mais nesse vasto “nós”) a exclusividade não exatamente da linguagem, mas da metalinguagem. Seríamos então (já comigo incluído), os únicos seres vivos na Terra com a capacidade de falar sobre o que falamos, sobre nossas ações e enunciados, quer dizer, sobre a vida que só podemos viver por sermos seres cuja existência é dada não por células naturais, mas pela cultura (“segunda natureza”, se você quiser, mas essa conversa é velha).

Ele então “metafalou” sobre a memória – e sobre a memória da memória. Quem somos nós? Bichos portadores de memórias que se sabem memórias etc. Essas memórias são postas por nossas formas de representação que são, diretamente, formas de ação (sempre linguística), pois agir é significar. A questão é que representamos o outro (também supostamente humano) e interferimos sobre a representação do outro. Não raro, você de repente pode descobrir que a sua memória de si, ou da sua condição, é produzida pelo outro. Embora ele não tenha dito exatamente isso exatamente assim (coisa que você poderá verificar à vontade, folheando este livro), é assim que reverberou o que ele disse na memória (do outro) que dele me ficou (em mim, mas posto pelo outro que é ele).

Daí para as redes sociais, claro, é só um pulo. Cósmico. História, condição natural, representação digital, tudo se combina e se atrita num moto um tanto irreversível. O humano, que já era diferente de tudo o mais que possa ser considerado vivo no planeta, torna-se também diferente, e muito, do que tem sido até aqui. Considerando que progrido numa libérrima interpretação do que ele disse – interpretação metalinguística, por certo – e que, não obstante, está longe de estar errada, anoto que somos seres diferentes dos animais e mais ainda diferentes do que costumávamos ser, quando já éramos diferentes dos animais. Nossa memória é outra. Nossos processos cerebrais se modificaram.

Jorge me fez coçar a cabeça, massageando os folículos capilares quase extintos que carrego por teimosia. Algo de intrigante se prenunciava. Só aquelas ideias bastariam para desprogramar o roteiro de um painel que tinha tudo para ser mais culturalista do que frankensteiniano (não frankfurtiano), mas ainda havia mais por vir (e eu tentando tomar notas com caneta e papel, assim como era no princípio). Margarita Ledo insistiu um pouco mais no corpo – o feminino, por certíssimo – e desenhou seu percurso intelectual mostrando como por meio de ressignificações insurgentes (palavras minhas) as mulheres tomam posse não apenas do organismo que as identifica mas, principalmente, das narrativas que as constituem de si para si mesmas e, somente depois disso, para os outros. Ela afirma que o feminismo liberta o corpo masculino do próprio machismo e faz com que o discurso machista se desmanche no ar. Eu que não me sei machista me senti mais livre. Um trabalho a menos. Há mais, muito mais, no que ela disse em seu galego que tem pele de pêssego, mas isso que redijo agora há de ser suficiente.

Os presentes batiam palmas. Auditório pleno. Sucesso de público, imagine. E Lucia Santaella começou a ler seu texto bem escrito, com inconfundível caligrafia táctil, embora em tipos de imprensa. Ela tinha digitado sua letra de mão e tinha folhas de papel diante dos olhos. E veio com tudo em cima dessa história de técnica, de natureza, de... corpo e nome e nome do corpo. Lembrou Heidegger dizendo que o domínio técnico da natureza avança como uma fera enfurecida. Devo fazer uma pausa nesse cotovelo do compasso. A fera enfurecida é a selva, a besta, o demônio. A técnica é o suprassumo da civilização. A ideia de capitalismo selvagem flerta com essa de Heidegger. E, agora, o estágio avançadíssimo de monitoramento eletrônico da vida alheia que foi desvelado na NSA (a menina superpoderosa dos Estados Unidos) graças às inconfidências de Edward Snowden, está aí para expor a pulsão bestial que conduz a instituição do Estado supertecnológico. Outra vez, a tecnologia é a besta-fera que, ao dominar a natureza (do inimigo) não governa mais a sua própria. Mídias sociais, estimado leitor, são isso aí: a comidinha da menina superpoderosa.

Lucia Santaella invocou Marx, num dos lapsos em que saiu do texto, para quem o homem, dominando a natureza, dominava a sua própria. Mas agora, e isso quem diz sou eu, ao dominar a natureza pela técnica hipertecnológica, entrega-se a uma natureza superior que ele mesmo não

conhece nem domina. Mas ela foi além, ela também. Não resisto a citar um trecho:

As moléculas sintéticas derivadas do plástico que hoje pululam nas águas dos oceanos estão criando novas formas de vida, pós-biológicas e novas paisagens pós-naturais. São formas de vida de grande complexidade derivadas do surplus tóxico. Se levarmos essa questão às últimas consequências, podemos imaginar uma nova biosfera da qual a vida orgânica tal como a conhecemos desapareceu para dar lugar a novas formas de vida germinadas em ambientes tóxicos.

Ela falou de nós como pacientes de uma novíssima enfermidade, a enfermidade neuronal (conceito que toma emprestado a Byong-Chul Han), numa infecção que não é mais bacteriana ou viral. Corpo e bit, corpo e máquina, organismo e técnica.

Não tem mais jeito. Somos todos ciborgues, uns com inveja do marca-passo do outro, que é mais moderno mas só pode ser comprado na base do contrabando. Ao mesmo tempo, ela avisa, não caíamos no choramingo das crianças mimadas. De minha parte, bem que tenho avisado. A próxima revolução tecnológica será o câncer domesticado: mutação genética a serviço da técnica. A segunda natureza se fará matéria. E essa mesa me deixou saudades.